



O Gaiato

7 DE DEZEMBRO DE 1974

Ano XXXI — N.º 802 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Benguela

Que bela perspectiva da nossa Aldeia de Benguela, onde tem tecto e formação o «Lixo das ruas» — filhos de uma sociedade injusta que precisa da Verdade para «descobrir a Mentira que há nas suas vidas».



HABITAÇÃO

Problema primeiro

Duas notícias felizes traziam os diários um destes dias:

— O Governo vai investir um milhão e duzentos mil contos no fomento da habitação.

— A outra referia declarações de um perito das Nações Unidas sobre «a melhor forma de solucionar o problema habitacional das populações mais desfavorecidas».

A primeira significa — e o ministro anunciante era expresso — «a viragem que se impunha na situação presente do mercado da habitação». Oxalá assim seja.

Na verdade nunca compreendemos que, sendo a habitação uma necessidade fundamental das pessoas, se permitisse fazer dela um jogo de especulação. Pois se não era assim com o pão, com tantos outros produtos alimentares mantidos longos anos a preço quase constante mercê de artificios com seus reflexos extremamente graves — que argumento podia justificar

critério tão diverso a respeito da casa, que deveria ser sempre lar e não apenas albergue colectivo onde as pessoas se vão amontoando desumanamente?!

Se não nos sai do pensamento o mundo de barracas que cerca Lisboa e ladeia tantos dos nossos mais importantes aglomerados urbanos; sem desconsiderarmos pátios e «ilhas» que infestam o seio de quarteirões bem preparados — ainda mais nos choca, como uma espécie de cinismo social, a forma de viver em certos prédios de razoável fachada, onde cada quarto de cada fogo, é a sede de uma família, que não poderá deixar de acusar, já ou na geração seguinte, efeitos de desumanização que redundam sobre a comunidade maior em que se integram.

Se não esquecemos ainda, da nossa própria experiência, os passos demorados que nos levaram ao encontro de um andar modesto que pudesse servir-nos de Lar em Lisboa — constantemente actua-

lizamos essa empresa dolorosa na comunhão das dificuldades que sofrem os nossos Rapazes casadoiros quando chegam ao ponto de procurar casa para seu lar.

Que se negoceie com outras mercadorias...; até com a habitação requintada para quem pode chegar a esse luxo... — mas que não falte a morada suficiente e digna ao alcance da mais modesta bolsa.

Há trinta anos que «O Gaiato» se doi com estas dores que afligem camadas tão extensas do nosso Povo. Se doi..., as geme e tem agido, com resultados pequeninos, à sua medida, mas bastante positivos, graças a Deus, quer no remediar de muitas situações, quer no alertar de muitos homens de boa vontade para a urgência do problema.

Por isso a segunda notícia, naturalmente, nos conforta. Não porque estivéssemos à espera do perito da O. N. U. para

● Repúblicas... como as de Coimbra. Várias nos muceques da cidade. Grupos de estudantes que se combinam, vêm, alugam uma cubata, compram luandos, uma panela e pratos; os pais mandam o saco da fuba e pronto.

Comecei a visitá-las.

Tenho levado leite e açúcar. Queria pôr tarimbas. Se tiveres uma cadeira, um banco, um colchão, uns quilos de quê?... É o quê? Algo que te sobre ou que reconheças que podes dispensar a favor dos irmãos.

Apesar das fracas condições de estudo e de subalimentados, a maior parte tem ficado sempre bem.

São merecedores de simpatia e da nossa ajuda. Não como esmola... Sim, a ajuda que se deve dar ao irmão, que ao nosso lado encontra o seu caminho pedregoso.

● Temos assistido à destruição de algumas fazendas. Com que fim? Quem? Uma vez que se fizeram acordos de paz?! Que proveito das coisas destruídas e dos animais mutilados?

Fazendas, a maior parte, de agricultores modestos.

Alguém mentalizou as populações para actos de banditismo.

Alguém terá que as mentalizar para o respeito e o diálogo.

A violência não cura outra violência — antes, gera mais... e fica um círculo vicioso. Os gestos violentos, porque impensados, atingem quase sempre inocentes.

● Vem aí o Natal. Se ele nos trouxesse um pouco

Cont. na QUARTA página

MALANJE

O lançamento do «DOCTRINA»

Nos próximos dias — talvez em simultâneo com o presente número de «O Gaiato» — uma parte dos quatro mil e tal assinantes da nossa Editorial receberá, pelo correio, o 1.º volume (2.ª edição, aumentada) do livro «DOCTRINA», da autoria de Pai Américo.

É um volume de muita oportunidade! Recolha e selecção de textos publicados em «O Gaiato», do n.º 3, de 2 de Abril de 1944 ao n.º 120, de 2 de Outubro de 1948, sob o título «Doutrina», ou de conteúdo doutrinal — segundo o critério de Pai Américo.

Futuramente — já o dissemos — integrados nesta colecção, lançaremos mais dois ou três volumes, colectânea de grande parte do espólio literário de Pai Américo, disperso pelo «Famoso».

O lançamento do «DOCTRINA» é prenda de Natal para os nossos Leitores. É o testemunho vivo, actual, de Pai Américo. Como recoveiro dos Pobres, sim; mas portador da Mensagem de Nazaré. E, como S. Paulo, ele anuncia aos ho-

Continua na QUARTA página

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO CALVÁRIO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O CALVÁRIO DUMA FAMÍLIA JOVEM

O vicentino vinha prostrado, com a alma tingida pelo calvário duma família jovem. Um caso de miséria escondida!

Não trazia o relatório *dineado* que é timbre de burocratas. Mas o quadro negro bem marcado no espírito.

O cabeça de casal é profissional das Artes Gráficas. Mais concretamente, um litógrafo. Anda na tropa há mais de um ano. Como muitos deles — não discutimos a decisão — resolveu casar antes de ser incorporado!...

Na altura própria, procurou casa. Encontrou! Abriu o leque ao senhorio. Disse que não podia... Ele condescendeu! «Enquanto estiveres na tropa só pagas 250\$00. Depois...» Mas já deve mais de mil escudos!

Há pouco nasceu um par de gémeos. Uma aflição para a jovem esposa — desamparada! Requereram os subsídios à Caixa. Andam por lá os papéis, de secretária em secretária... E a massa virá — mais tarde ou mais cedo — consoante o grau de eficácia (e de disponibilidade) da instituição.

A mulher gastava duma mercearia. Cortaram-lhe o crédito. Muda para outra; na mesma. E mais outra; idem. Já andam por lá cerca de dois contos e harrigas vazias...

Agora, começamos a tapar os buracos com as nossas disponibilidades. A dar o seu a seu dono. E mais: para matar a fome àquela gente, compramos mercearia e fornecemos o pão indispensável. É uma mãe com três filhos, dois dos quais gémeos...!

Fez muito bem, algures, na Europa, um Secretário de Estado afirmar que, além de sermos um País sub-desenvolvido, temos por cá gente a passar fome... É verdade. A verdade!

Até aqui chegamos nós. Mas o caso desta jovem família não pode — nem deve — estar só à mercê dos benefícios da Caridade. Primeiro está a Justiça! Por isso, de acordo com a Lei — que respeitamos — agora que a guerra está no ocaso — vamos insistir com o moço para requerer superiormente passagem à disponibilidade. Será preparado o requerimento já durante a próxima semana. Ele vem até cá, quando pode — sabe Deus como...

É um acto de Justiça! Cumpriria o seu dever, perante a Nação, procurando o pão para os seus — com o seu trabalho. E seriam menos crianças subalimentadas... Um lar recuperado. A Pátria valorizada. Alicerce de paz.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Vamos atirar o barro à parede — sem demagogia. Com a força da Verdade. Este caso pode ter solução imediata. Já nos bastam aqueles de que, infelizmente, por mais voltas e reviravoltas do mundo, ainda não vislumbramos o norte... E cujas vítimas — sem voz — continuam a sofrer!

● FOLGAMOS COM A JUSTIÇA!

Em 26 de Outubro p. p., escrevemos:

(...) Que dizer daquela viúva, doente, cujo marido descontou — há muito — mais de duas décadas para uma determinada Caixa e ela, a viúva, ficou sem nada?! Houve de pegar, sabe Deus como, num gigo de pão e fez-se distribuidora. Pouco tempo. Depois, lavadeira. Piorou!...

Entretanto, escrevemos às Caixas. E, até, ao Ministro! Tudo resultou, há um ou dois anos, num «dossier» de muito papel!! Solução: «Como F. não descontou para a pensão de sobrevivência...» — passem muito bem.

A mulher precisava — precisa — de sobreviver. Faz biscatos, sabe Deus como...

As voltas, os sacrifícios, as amarguras, o trabalho escravo desta mulher para, um dia, Deus permita tarde, ao acamar definitivamente, ter, ao menos, o que fora negado!

Casos destes, por esse País fora, são muitos ainda, com certeza. E vêm parar às mãos dos vicentinos — e quejandos!...

Era melhor investir do que servir... Os números são irrefutáveis!

Estes problemas escapam? Pois escapam.

Apareça, então, lá no topo da pirâmide, quem mexa e remexa, cuidadosamente, casos deste género — para lhes dar uma solução capaz. Não serão precisas mesas redondas, nem especiais comissões de estudo, etc., etc., de que somos pródigos — sempre fomos! As coisas são como são. Era só motivar oficialmente os Fracos, os Oprimidos — sem voz... — e eles aparecerão; irão aparecendo. Depois, contas feitas... seria mais uma transfusão de sangue nos membros mais esquecidos de um corpo doente.

E, em 12 de Novembro p. p., a Imprensa anunciou:

«RURALS — O Secretário de Estado da Segurança Social corrigiu, por despacho, outra situação de injustiça: passam a ter direito à pensão de velhice as Trabalhadoras por conta de outrem das actividades agrícolas, silvícolas e pecuárias das áreas abrangidas por Casas do Povo que cessaram a prestação de trabalho antes de 1 de Janeiro de 1971, desde que comprovem, através de atestado passado pela autoridade administrativa local, haverem exercido algumas das referidas ocupações durante os últimos cinco anos de actividade habitual e contem mais de 70 anos de idade.

SOBREVIVÊNCIA — A regulamentação em vigor para as pensões de sobrevivência concedidas através das Caixas de Previdência exclui os familiares dos beneficiários activos ou pensionistas cuja morte se tenha verificado antes da instituição daquela prestação de segurança social.

Dada a difícil situação desses familiares, em que se inclui elevado

número de viúvas, foi considerado urgente tornar-lhes extensivas as referidas pensões, o que se impõe e justifica como imperativo da solidariedade que deve existir entre todos os Trabalhadores.

Assim, por despacho do Secretário de Estado da Segurança Social, passou a ser concedida a pensão de sobrevivência aos familiares de todos os beneficiários falecidos que tenham estado abrangidos pelas Caixas de Previdência, qualquer que seja a data do falecimento.

O pagamento destas pensões terá efeito a partir do dia 1 do mês seguinte ao da publicação do despacho no «Diário do Governo», se forem requeridas no prazo de um ano a contar daquela data, findo o qual a pensão será concedida a partir do início do mês seguinte ao da entrada do requerimento.

Os familiares a quem foi indeferida a pensão de sobrevivência por não satisfazerem às condições legais, agora alteradas, poderão novamente habilitar-se àquele benefício.»

Sim; nós folgamos com a Justiça! Primeiro a Justiça; depois, a Caridade. Esta é a ordem lógica e natural. No Evangelho não há meias-tintas!...

DONATIVOS — Só vieram três! Mas o caso daquele tropa — e todos os casos que temos em mãos, sem descuidarmos os auto-construtores — hão-de abrir as carteiras dos nossos Leitores.

A gente não duvida! Deus acode na hora própria...

Atenção Lisboa:

«É uma migalhinha (100\$00) para qualquer coisa que seja mais urgente. Pedia-lhes muito que rezassem por mim...»

Sim senhor. Porém, vamos ser ainda mais cristãos — universalistas. Lembremos todos ao Senhor. Todos! Desde os Pobres àqueles que nos salgam...

Outra vez Lisboa, rua Alexandre Herculano, com 100\$00.

E, por fim, igual nota do Porto «por alma de minha Mãe e de meu Marido.»

Oh legendas!

Júlio Mendes



DO QUE NÓS NECESSITAMOS — Vou pôr-vos ao corrente de um problema que nos aflige a todos nós — e a vós também, visto que a Obra, finalmente, é de todos. Apelo pois para a vossa máxima compreensão.

Nós debatemo-nos, desde há meses, com o problema número um das nossas Festas, «o conjunto». Necessitamos de um conjunto, para podermos fazer os nossos ensaios; e sem o conjunto tudo é impossível.

Queremos, para o ano, levar até vós um espectáculo completo; e sem o conjunto, tudo é impossível.

Queremos deliciar-vos um pouco com a nossa música, com o colorido dos nossos espectáculos, com os nossos rapazes, em especial os nossos

«Baixinhas»; mas... sem o conjunto, tudo é impossível.

Como vêem, caros Leitores, este problema constitui um quebra-cabeças para todos nós!

Este ano conseguimos fazer o nosso espectáculo, mas com muito sacrifício, pois a aparelhagem era medíocre. Tivemos pois de pedir ajuda à Casa do Calvário de Malanje — mas como também estavam em Festas, tivemos um grande atraso com os nossos ensaios, o que nos privou de apresentar o nosso espectáculo completo. Ajudaram-nos no que lhes foi possível. Mas, foram-se e levaram consigo o que era seu... e nós ficámos na mesma, com um conjunto por vestir!...

Necessitamos de uma bateria, de uma viola ritmo, aparelhagem de vozes, micros, colunas, amplificadores para baixo e ritmo e um órgão, por enquanto!... Peço, pois, a vossa colaboração.

Despeço-me com um muito obrigado.

Santos Silva



LIBERDADE... — Pessoas que nos visitam aos domingos, em especial as que aqui vêm pela primeira vez, admiram-se porque não temos o portão de acesso aberto de par em par. Mas, em geral, compreendem as razões que apontamos. Sentem ser uma medida razoável. Porque não se trata de restringir a liberdade, mas evitar cenas que não dizem liberdade, mas apenas o oposto. Hoje, muito se fala em liberdade, mas talvez pouco se ligue à verdadeira liberdade. Talvez não fosse tão mal entendida por pessoas que não compreendem ou não querem pensar no bem que teriam e fariam aos outros se entendessem aquilo que a palavra significa. Seria apaixonante se todos os que apregoam, entendessem que a liberdade é grande riqueza do homem, o grande presente do Criador. Até para amar é necessário ser-se livre. Eu não quero fazer conceitos errados. Mas sim referir que já tem acontecido virem aqui pessoas para fazerem chantagem com os princípios que nos regem! Ainda não há muito tempo apareceu aqui um pequeno grupo. Gostariam de ver tudo — sim, senhores. Mas creiam que não será necessário massacrar a vossa sensibilidade com certos casos. Pois nem para eles será bom terem barulho.

— E se nós pagarmos?!

— Quem paga?!... Tenham paciência, mas isto não se pretende, nem é uma atracção para turismo.

Foram mais ou menos as palavras que trocámos com essas pessoas. Sabem os amigos o que nos responderam?

— Pois já que não vimos tudo, o dinheiro que trazemos para «pagar»(!) esta visita, não o cheiram!

Será isto liberdade? Ou não será antes ausência dessa mesma liberdade? Diremos que é o desconhecimento de que não é uma lei que a dá, mas sim o Espírito, e que só a Verdade nos torna livres. Porque o Apóstolo nos diz: «Fostes chamados à liberdade». Isto leva-nos a concluir que ainda hoje, no meio de tantos homens que proclamam liberdade, há

muitos que não entendem que sem amar, não se pode ver o que Deus quer de cada um destes irmãos que estão aqui. E que todos aqueles que vão aparecendo poderão dizer como uma senhora que nos visitou: «Sou muito doente. Estou a criar dois filhos enfeitados por duas raparigas. Pensava que vinha trazer alguma coisa... mas afinal vejo que levo muito mais! Vejo que Deus me quer provar mais... mas, ao sair deste lugar, vejo que afinal tudo o que sofro é pouco... Que eu tenha sempre o coração livre para sentir cada vez mais que há muito a fazer em favor dos que sofrem!» Se muitos homens que apregoam a liberdade, sentissem como esta irmã...!

Pois torna-se necessário compreender estas linhas que não é para privar-vos da vossa visita que se encontra fechado o portão da entrada do Calvário, pois está outro ao serviço. Será necessário, também, compreender que, mais do que no dar, a verdadeira Caridade toma o seu sentido na Verdade que é Cristo. A existência do Calvário não será prova de que o amor liberta tantos irmãos de um viver infra-humano ou da escravidão e egoísmo? Deus-Filho, para todos nasceu e a todos salvou, livremente!

Manuel Simões



ESTUDANTES — Prontos para enfrentar o corrente ano lectivo estão dezassete rapazes; nove dos quais são de cursos nocturnos.

Esperançados em boas perspectivas, continuamos com toda a boa vontade com que começámos.

LAVOURA — A grande faina do ano — o arroz — já terminou. Sim, é sem dúvida a maior faina de todos os trabalhos que existem em nossa Casa.

O grande cartaz voltou a existir. Que belo panorama!: Dezenas de rapazes curvados para o louro arroz e sob o sol escaldante, cada qual com a sua foíce, a sua vontade e o seu espírito de unidade, terminaram a grande faina.

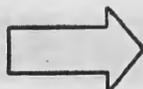
TIPOGRAFIA — A nossa oficina de tipografia é constituída por nove rapazes, que estão sob a orientação do Laurindo.

Com a entrada de uma máquina offset e duma guilhotina electrónica, renasceram esperanças de maior rendimento. No entanto, o rendimento continua a ser o mesmo, mas creio que a partir de hoje será maior. Creio que muitos leitores que são negociantes, nos consultarão.

FUTEBOL — O nosso onze tem vindo a realizar uns encontros formidáveis, obtendo resultados muito positivos.

Haverá alguma equipa que nos queira propor excelentes tardes de futebol?

João Maria



Essa Paz...

Tenho notado que o mundo de hoje continua a viver tragicamente a humilhação de tanta miséria: a pobreza, as guerras, as revoluções, as pressões colonialistas, o terror, a fome, o medo... E tudo aquilo que o mundo contemporâneo vem cometendo não deixa de ser, de alguma maneira, consequência insofribel da ignorância recíproca de cada cidadão.

Este tempo cansa! E, todavia, a nossa humanidade parece que nunca mais esquece o passado, deixando para trás tudo o que é banal, acabando com o egoísmo e com as vio-

lências do ódio, passando a olhar para a frente, na luta por uma justa renovação, na expectativa de um novo mundo que todos desejamos, na ânsia de algo pelo qual valha a pena viver e existir.

Mas para isto falta o que eu considero o mais importante na nossa era, o que não existe entre os homens, essa que muitos procuram e não encontram, essa por cuja posse muitos lutam e não conseguem, essa que ainda no nosso tempo não é conhecida, essa... a Paz.

Que é de nós sem Paz?

Ela persuade-nos, sendo um

bem supremo da vida do homem sobre a terra, uma aspiração comum, um interesse de primeiro grau, um ideal digno da Humanidade, projectada em si e no mundo, uma necessidade para manter as conquistas adquiridas e para adquirir outras, uma lei fundamental para a circulação do pensamento, da cultura, da economia e da arte, justa e dinâmica para construir continuamente este nosso mundo.

Apesar disto, muitos homens passam a vida a enganar-se, ignorando o que a vida lhes oferece. Não têm um meio de interesse, outra norma ética que não seja só a exploração dos seus interesses.

E por tudo isto os homens

continuam a viver à procura de uma resolução, na luta por uma iniciativa própria — a que se lhe impõe não é concretizada. Este mundo continua a apodrecer na devassidão da sua existência.

Será a Paz um mito? Ou os homens desconhecem o que é natural, o que tem significado para o Homem — digamos

uma confiança radicada na Justiça e na Caridade?

Eu acredito que a Paz é possível, porque o Homem foi feito para a Paz. A Paz é possível porque os homens a desejam.

Constroi tu a tua própria Paz. E assim faremos todos a Paz.

Artur Pires

ELE é a PAZ

Solenidade de Cristo Rei.

Uma antífona, de mensagem profética, anuncia-nos que «Ele será aclamado até aos confins da Terra e Ele-próprio será a Paz».

O Senhor que disse de Si-mesmo «Eu sou... o Caminho, a Verdade, a Vida, o Pão, a Luz...», não Se identificou expressamente com a Paz. Mas poderia tê-lo feito, porquanto aquilo que Ele será, já é: N'Ele não há mudança.

Não Se identificou, mas estabeleceu a herança: «Deixovos a Paz, dou-vos a Minha Paz». E aquilo que Ele dá de Seu, é Ele-mesmo, é Ele-todo, que n'Ele não há divisão e entre o que tem e o que é, não há distinção real. «Dou-vos a Minha Paz» coincide com dou-me Eu-próprio como Paz para vós.

«A Paz que vos dou, não é como a que o mundo dá.» Quão infinitamente excelso é Ele sobre os homens; quão acima dos caminhos destes estão os Seus Caminhos (está Ele, o Caminho!) — assim a Sua Paz é diferente da dos conceitos dos homens.

«Essa paz...» que eles procuram, «essa paz...» que é ânsia constante do coração humano em todas as gerações — «essa paz...» será buscada em vão, se não for em Cristo,

na intimidade do Seu «Coração manso e humilde», tão ao invés dos ímpetos do orgulho a que está sujeito o coração dos homens.

Porque a procuramos nós alhures? Porque desprezamos esta ciência certa? Porque mergulhamos na desorientação de tantas pistas, quando uma só é a pista da Paz: a que nos leva a Cristo?

A pergunta de Pilatos: «Portanto tu és Rei?», Jesus responde: «Nasci nessa condição e para isso vim ao mundo, para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que é da Verdade (o que toma o sentido para a sua vida da procura sincera da Verdade), esse escuta a Minha voz».

Eis a nossa tragédia: não ouvirmos a Sua voz quanto não somos da Verdade. E não entendemos a Sua Paz, a Paz — e não A possuímos em nossos corações, entre os quais Ela devia circular como sangue da Vida; dos quais haveríamos de estar prontos a transfundi-la para os irmãos em risco de morte, em transe de angústia.

Como é a Paz que Ele nos dá?... Eis uma resposta que cada homem tem de procurar no Coração de Jesus. Só depois dela será possível que entre os homens reine a Paz.

É evidente que devemos considerar hoje a Assistência como uma exigência de direito. Não é indiferente que ela se realize ou não, antes deve ser uma realidade abrangendo integralmente as necessidades dos homens. Sendo assim, fácil é concluir que tal missão diz respeito, em última análise, ao Estado, que deve suprir sempre as carências existentes. Reconhecer-se isto não é, porém, aprovar o chamado estatismo, que reivindica para o Estado direitos e deveres absolutos, como é próprio dos regimes totalitários. Coordenar e orientar, dirigindo a política assistencial, não significa absorver ou sufocar as iniciativas privadas, fonte das maiores riquezas humanas, quer no plano individual quer no aspecto social.

Nesta ligeira análise que temos feito dos chamados pro-

Aqui, Lisboa!

blemas assistenciais, nem vale a pena considerar o conceito individualista, por obsoleto e ultrapassado, que nega ou desconhece, pelo menos, a importância dos grupos naturais.

O papel pioneiro da Assistência particular não pode ser posto em causa, bem assim, como já referimos nestas columnas, a sua maior adaptabilidade às circunstâncias e aos lugares. Matar as suas iniciativas seria estancar uma fonte de progresso e de bem-estar sociais. E estes não podem prescindir da actividade dos grupos naturais acima apontados. Para lá da Justiça, no sentido mais amplo que a palavra possa comportar, ficará sempre uma vasta zona que só a Ca-

ridade poderá preencher. Falando o calor desta, o Mundo ficará mais pobre.

Ao findar esta sucessão de artigos sobre o problema das Instituições de Assistência, escritos ao correr da pena, queremos afirmar não termos tido outra preocupação que não fosse a de pôr no seu lugar as ideias, tantas vezes corrompidas ou avariadas, que por aí proliferam. Mais do que as palavras, apreciamos as obras. E, até que Deus queira, iremos consumindo as energias ao serviço dos Homens. Tendo por único Mestre o Senhor de Nazaré, com os nossos Irmãos Sacerdotes, dando o corpo ao manifesto e sujando as mãos sempre que preciso for, muito apreciaríamos, ao menos, não sermos servos inúteis. Sim, porque o resto é cantiga, falada ou escrita, de quem muito diz mas nada faz!

Padre Luiz

Paço de Sousa

DIA DE S. MARTINHO — Neste dia, recebemos a visita de muita gente; bastantes excursões vindas de várias partes do Norte do País.

O dia esteve limpo, bonito, calmo, como é natural. Logo de manhãzinha as pessoas já visitavam a nossa quinta. E nós, com aqueles afazeres de sempre, trabalhamos com vontade para que pudessem ver e sentir a Obra da Rua.

FUTEBOL — O nosso grupo já realizou alguns desafios, em que se saiu muito bem.

Num dos encontros a vitória pertenceu-nos com uma grande diferença de golos sobre o adversário: 13-5.

Agora, no último encontro realizado, já não sucedeu isto, porque estes já nos deram mais réplica e possuíam bom jogo. O encontro terminou com o empate de 3-3.

DOENTES — Presentemente temos o hospital cheio de doentes com gripe.

Em cada dia que passa vemos que há mais gente a entrar do que a sair e o nosso hospital só tem 20 e tal camas, o que não chega. Com isto assim vamos ter que resolver o problema para todos serem acolhidos e tratados.

SUINOS — Mais uma porca que deu à luz 10 bonitos porquinhos, estando já uma outra nestas condições, mas que se prevê só para sábado ou domingo.

Uma coisa importante que eu aqui vou notando é a limpeza das cortes dos próprios animais, com baldes e comedouros muito arrumados.

A sr.^a Maria com os seus 4 ajudantes, sabem bem quanto isto custa. Mas vale a pena porque é bonito ver os animais e as cortes muito limpas.

VACARIA — São 8 vacas ao todo a darem leite para 180 rapazes.

Vejo o sr. Silva muito atarefado dando de comer aos animais, com alguns rapazes a prepararem novas cortes para o descanso destes animais.

O sr. Silva, que aqui trabalha já há muitos anos, diz que é bem dura e difícil a responsabilidade que lhe cabe, mas acrescenta também que é por amor aos animais e à Casa que vai cumprindo este dever.

REGRESSO — A descolonização de Moçambique começou. Inimigos e contradições a tal facto, escaramuçam explosivas (criminosas) revoluções do contra. Tudo isto, ainda que indirectamente, atingiu-nos. Por questão de segurança, regressaram da Casa do Gaiato de Lourenço Marques os nossos rapazes europeus; houve momentos de aflição, mas graças a Deus a tempestade tem acalmado.

Manuel Amândio

Opinião

Muito se fala de justiça, de paz, de amor.

Poderá haver justiça onde se cometem incansavelmente injustiças, sem que alguém se importe?

Creio que não!

Há quem proclame a paz e faça a guerra... — porquê?

Será somente para tapar os olhos a quem compreende?

O mundo chora de dores; de brechas abertas por injustiças. Sim!, o mundo chora de sofrimentos causados pela injustiça. Mas tudo passa... Hoje tristeza, amanhã alegria; a ferida que hoje jorra sangue, amanhã estará sarada pela força da vontade, da justiça e do amor.

Qual é o pecador que não merece o perdão?

Deus perdoou a todos e a todos perdoar. Porquê os homens se não perdoam uns aos outros? Porquê?...

Por vezes o homem perdoa ao seu companheiro, mas não é um perdão indiscutível; isto

porque se o seu companheiro lhe voltar a fazer mal, ele cismará nisso e discutirá a falta que anteriormente lhe tinha perdoado. Então o castigo será ainda maior.

A isso não se chamará justiça, mas sim injustiça. Nunca poderá haver amizade e amor num clima em que somente se respire vingança, injustiça, ódio...

E porquê o ódio?

Ainda se o ódio nos restituísse algo favorável..., mesmo assim...!

Cristo veio à terra para nos ensinar o caminho do Pai, o caminho da Verdade e da Vida. Quem quiser paz terá de a fazer. Terá de negar ao ódio, à vingança, à injustiça...

Será pecado ser inocente?

Quantos são vítimas da guerra e têm em si a inocência?

Quando o ódio é cego, quem sofre com isso? Serão os causadores desse ódio? Raramente isso acontece, visto que quem

faz o mal não vive tranquilo. Por isso refugia-se, tenta confundir-se com os inocentes.

Nós somos pobres. Nós somos vítimas do mal causado por nossos pais. Nós somos inocentes. Que mundo nos ofereceram nossos pais? Sim, somos vítimas.

Façamos nós o nosso mundo, o mundo do nosso Próximo. Sejamos irmãos do nosso Próximo, não só para as ocasiões, mas sim para sempre, de maneira que partilhemos das suas tristezas e das suas alegrias; do seu bem-estar e do seu sofrimento.

Unamo-nos com carinho, com amor, com verdade e com justiça. Só unidos venceremos os oponentes ao nosso futuro, ao nosso bem-estar, ao nosso mundo que queremos construir.

Façamos a Paz!

João Maria



«Não podiam adivinhar...»

Leiam, com atenção, esta carta da Covilhã:

«Há talvez um ano mandei um vale do correio no valor de 200\$00 que seria para pagar os livros que eu tinha pedido e nem sabia quanto custavam, pois não vinha indicação nenhuma do preço. Mas, agora, ao receber a vossa carta com a conta referente aos livros, no valor de 160\$00, é que pensei que devia na altura ter metido o vale numa carta e dizer qual o fim a que se destinava (o sublinhado é nosso), pois numa Casa como essa — em que recebem dinheiro para tantas coisas diferentes — não podiam adivinhar para que era esse e aplicaram-no bem, como sempre.»

Quem dera todos os nossos Assinantes — do Jornal e da Editorial — pousassem aqui os seus olhos!

Já que os nossos repetidos esclarecimentos ainda não conseguiram total eficácia, pode ser que, perante o testemunho desta Leitora, diminua o número de

reclamações injustificadas — que já são menos...

Poderíamos ficar por aqui. Mas não queremos de forma alguma mutilar a missiva da nossa amiga covilhanense — pelo valor que encerra a parte final. Aqui está:

«Por isso, envio aqui também a quantia — mas de 250\$00 — para liquidação dos livros. E quero ver se consigo comprometer a minha consciência e enviar essa quantia todos os meses para lhe darem o fim que melhor entenderem.

Desde há muitos anos que admiro a Obra de Pai Américo, mas só agora, que tenho filhos pequenos com 8, 7, 5 e 3 anos, é que me apercebo da importância d'Ela e quantas vezes peço ao Pai Américo que me ensine a educar os meus filhos, como ele soube e continua a saber, através dos seus livros...

Que Deus continuei sempre a guiar as vossas Casas é o que vos deseja a que se subscreve com amizade

Maria»

Oh carta!

A todo o homem é dado o direito de ser assistido. Mas não pode haver assistência se não houver ajuda dos outros. A experiência adquirida ao longo da História deu ao homem conhecimento de que não pode viver sozinho. Como ser eminentemente gregário que é, ele, para se satisfazer fisiológica e psicologicamente, tem de se inserir dentro dum grupo social, quer esse grupo social seja uma família, um clã, uma tribo ou uma sociedade nos moldes modernamente constituídos, quer seja um simples grupo de trabalho.

Não é pelo que estamos a viver dentro da sociedade portuguesa que se torna palpitante e actual este assunto. Desde sempre, em todas as épocas, o homem foi assaltado por este desejo primário de saber o que é e onde se encontra. Donde veio e para onde vai e com que auxílio pode contar. Não é, pois, de agora, a prismática do homem se sentir um ser social. Nem sequer é de agora qualquer doutrina que nos venha ensinar isto. Nem nova, nem humana é toda e qualquer teoria que catalogue o homem como um ser abstracto e o misture indiferenciadamente num contexto social. Ele é, e terá de ser sempre, um ser individualizado, um elemento distinto de todos os outros elementos que pertencem ao mesmo grupo.

Setúbal

Cada um tem o seu lugar. Lugar este bem delimitado e que lhe confere direitos e, ao mesmo tempo, lhe impõe deveres. Direitos que devem ser-lhe prestados; deveres que o responsabilizam perante os demais. Será sempre uma obrigação moral, ocasionada pela necessidade pessoal, que o levará a constituir-se com os outros, respeitando-os e fazendo-se respeitar, acatando conscientemente as leis e regulamentos aprovados em conjunto, submetendo-se à disciplina e aos seus preceitos coactivos. Assim nasce a sociedade; assim se criam os métodos estatutários duma realidade democrática onde são ponderados os credos, as divergências ideológicas, as afinidades de casta ou de amizade, as situações concretas de trabalho, as posições e os pluralismos racionais e intelectuais. Todos estes atributos são aprioristicamente entroncados no homem. Não é possível apartá-lo deles, mas é lógico suavizá-los ou regulá-los se eles são obstáculo à igualdade essencial de homem a homem. Dentro do princípio de que a luz é para todos e os homens são todos irmãos, tudo o que

se apresente susceptível de criar distâncias injustas é imperioso que seja travado.

No lugar bem específico que compete a cada homem, ele terá sempre de o preencher, valorizando-o com o seu trabalho e o melhor de si próprio. Assim valoriza a sua comunidade e só assim é possível que essa mesma comunidade lhe vá dar aquilo de que ele necessita — o pão, a habitação, a educação, a instrução, um crescimento saudável, a assistência na doença e nas dificuldades, as necessárias condições de bem-estar e harmonia para si e seus familiares. E tudo isto o homem português ainda não tem, de forma a realizar-se completamente. E tudo isto o homem português jamais virá a ter se não se consciencializar de que o officio que o ocupa, as responsabilidades que tomou a seu cargo, o lugar que lhe foi dado, são dele e que neles tem de pôr o coração e o melhor de si mesmo, não estando à espera de que outros vão fazer o que só a ele compete.

Rogério

HABITAÇÃO

— Problema primeiro

Cont. da PRIMEIRA página

confirmarmos a consciência sobre o caminho trilhado; mas pela coincidência do seu parecer «científico» com a intuição que Pai Américo teve desde o princípio, iluminado apenas pelo seu profundo respeito pela pessoa humana, pelo seu amor plenamente sincero aos homens, sobretudo aos «mais pobres, aos mais caídos, aos mais abandonados».

Retiro do jornal citado algumas afirmações em que os nossos Leitores da velha guarda encontrarão doutrina muitas vezes tratada no nosso jornal.

«Regra geral, a insuficiência das políticas de habitação convencionais seguidas nos países subdesenvolvidos para resolver o problema das classes menos favorecidas, baseia-se no facto de os regulamentos estarem feitos para os ricos e não para os pobres.» — É verdade! Os Pobres têm critérios de administração diferentes dos ricos.

Al deles se se governassem pela mesma mente, que jamais se governariam! Pensar «em rico» — eis o defeito que explica o fracasso de muitas iniciativas, talvez, na origem, bem intencionadas!

«O arquitecto John Turner salientou que é altamente proveitosa a capacidade de iniciativa e realização das populações, desde que consigam libertar-se das pelas burocráticas e se possam situar em posição que lhes permita o controle da resolução das suas próprias necessidades.» — Ora «eis!», diria Pai Américo. Eis o «ovo de Colombo» que lhe permitiu realizar tanto com tão pouco e a partir de quase nada! «Para construir empresas destas — diria, outro sacerdote muito nosso — «é preciso, primeiro, construí-las no coração». O problema não depende tanto das coisas como das pessoas — pessoas «com alma até Almeida!» Gosto que o nosso perito da O. N. U. ande por aqui!

«Afirmou ele, a seguir, que a auto-construção pura é aconselhada para resolução do problema de uma única família; mas que, para solucionar problemas que exigem mais fogos habitacionais, torna-se mais rentável construir pequenos edifícios de dois ou três pisos,

com a colaboração de um médio empresário.» — Eis o que se tem feito nas zonas rurais e o que sempre nos pareceu preferível para as urbes: «pequenos edifícios»; «colaboração de médios empresários»; exclusão do adjectivo grande, dos grandes prédios, das indiscretas «torres» de cimento — pois «edificar prédios grandes para resolver o problema habitacional de gente sem recursos, tem muitos inconvenientes, nomeadamente o conseguir financiamentos a longo prazo. Um prédio grande tem de ter elevadores, etc., etc. Um prédio pequeno custa muito menos, demora menos tempo a construir, resolvendo assim mais rapidamente o problema». — Pois: o tempo conta; as dificuldades desproporcionadas assustam; a complexidade dos meios que a grande dimensão exige, enferruja... O segredo será sempre dividir os grandes problemas em problemas pequeninos — e ir fazendo alguma coisa. Foi o que Pai Américo pensou e demonstrou em feitos.

Como eu gostava de lá ter estado, com os componentes das Brigadas de Actuação Social, a ouvir e a conversar, «desde as 21 e 30 até depois da meia noite», com este perito da O. N. U.!

Continuação da PRIMEIRA pág.

mens — a todos os homens de boa vontade — não só a Liberdade e os Direitos inalienáveis dos Pobres e Oprimidos, como o valor profético da Ressurreição de Jesus — que Se fez pobre para libertar os Pobres, todos os homens dispostos a aceitá-lo.

● Atenção ao postal R S F

No meio do jornal, bem aconchegado, vai um postal R S F dirigido, em primeiro lugar, aos Leitores que ainda não são assinantes da nossa Editorial. Sublinhamos para esclarecer: De cada livro que sai para a rua, surgem reclamações de assinantes de «O Gaiato» — por não receberem obras em distribuição. Não despachamos volumes indiscriminadamente! Servimos, apenas, os que já receberam uma obra ou, mais concretamente, os que expressamente se vincularam como assinantes da Editorial. Por isso, mantemos um ficheiro distinto para cada sector — ainda que simultâneos, para maior eficácia de escrituração.

Além disso, o postal R S F é vantajoso para qualquer Leitor. Assinala todos os volumes disponíveis, que podem ser requisitados com um simples sinal +, conforme a preferência do requisitante, que deverá ainda registar o nome e morada bem legíveis, de preferência com letras maiúsculas e, por fim, lançar o bilhete-postal, sem franquia, em qualquer marco do correio. Simples e prático! Absolutamente de acordo com

O lançamento do «DOCTRINA»

a era das velocidades supersónicas, em que tantos se nos queixam — vergados ao peso da vida — de, inclusivé, não terem tempo de nos escrever...

Júlio Mendes

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA pág.

mais de paz e tranquilidade... Todas as pessoas a procuram e nela falam com obsessão. Mas quê? Na prática — a busca do dinheiro, a preocupação da nossa própria segurança e posição social se sobrepõe à nossa paz interior e paz com os outros.

Numa sociedade com estruturas tão débeis; em profunda transformação; assente em tantas injustiças — não podemos fazer poemas à paz. Antes, cada um, fazer a paz dentro de si. Trabalhando todos para que esta profunda mutação se alicerce na justiça e no respeito mútuo. A paz virá.

Se quiseres aconchegar-te a nós, neste Natal... pois vem: com um saco de cimento para as nossas obras; uns escudos para o nosso pão; roupas e calçado para — de 5 anos a 20.

Padre Telmo

